



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

KAROLINA THAÍS ARANHA FELIPE

**ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: teoria e prática em turmas do
6º ao 9º ano do ensino fundamental**

GUARABIRA - PB

2015

KAROLINA THAÍS ARANHA FELIPE

**ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: teoria e prática em turmas do
6º ao 9º ano do ensino fundamental**

Trabalho apresentado à Coordenação
do Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciada em
Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Edilma de Lucena Catanduba

GUARABIRA - PB

2015

F123e Felipe, Karolina Thaís Aranha
Ensino de leitura e escrita [manuscrito] : teoria e prática em
turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental / Karolina Thaís
Aranha Felipe. - 2015.
22 p. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Edilma de Lucena Catanduba, Departamento de
Letras".

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Ensino Fundamental. I. Título.

21. ed. CDD 028

KAROLINA THAÍS ARANHA FELIPE

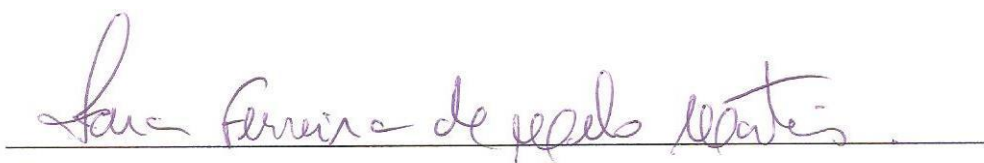
**ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: teoria e prática em turmas do
6º ao 9º ano do ensino fundamental**

Trabalho apresentado à Coordenação
do Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciada em
Letras.


Aprovada em: 30/06/2015



Orientadora: Prof.^a Dra. Edilma de Lucena Catanduba



Prof.^a Dra. Iara Ferreira de Melo Martins



Prof.^a Dra. Maria de Fátima Souza Aquino

RESUMO

Este trabalho busca verificar como se dá a articulação entre a teoria e a prática de ensino da leitura e da escrita. Pretende, a partir da análise crítica dos resultados apontados, apresentar contribuições para um redirecionamento da abordagem da leitura e da escrita na escola. A presente pesquisa apoia-se nos estudos de Antunes (2003), Bakhtin (1995), Bronckart (2008), Koch e Elias (2014) e outros que são teóricos da linha do interacionismo sociodiscursivo. Utiliza a metodologia da pesquisa-ação que inclui coleta e análise dos dados. Os dados foram coletados através de observações de aulas nas salas de 6º ao 9º ano e aplicação de questionários para alunos e professores, em duas escolas públicas de ensino fundamental situadas no município de Guarabira: Centro Educacional Osmar de Aquino e Centro Educacional Dom Hélder Câmara.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work aims to verify how is the relationship between the theory and the practice of reading and writing education. Want from the critical analysis of the results indicated present contributions to a redirection of reading approach and writing in school. This research builds on studies Antunes (2003), Bakhtin (1995), Bronckart (2008), Koch and Elias (2014) and others who are theorists of sociodiscursivo interactionism line. It uses the methodology of action research which includes collection and analysis of data. Data were collected through observations of lessons in the rooms of 6th to 9th grade and questionnaires for students and teachers in two public elementary schools located in the city of Guarabira. The survey was conducted in school Centro Educacional Osmar de Aquino and school Centro Educacional Dom Hélder Câmara.

Keywords: Reading, Writing, Elementary School.

I- INTRODUÇÃO

O processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita tem sido para educadores, especialistas em educação e até em outras áreas do conhecimento, um campo muito vasto de estudos. São realizadas pesquisas que buscam promover transformações teórico/metodológicas que possam contribuir para melhorar o ensino de leitura e de escrita.

Assim, com o intuito de investigar como se dá o ensino da leitura e da escrita, e a articulação entre a teoria a prática nesse processo de ensino e apresentar contribuições para um redirecionamento da abordagem da leitura e da escrita na escola, foi realizado um trabalho de pesquisa e coleta de dados em duas escolas da rede municipal de ensino em Guarabira.

A pesquisa foi realizada na escola Centro Educacional Osmar de Aquino e na escola Centro Educacional Dom Hélder Câmara. Os dados foram coletados através de observações de aulas, nas salas de 6º ao 9º ano, e aplicação de questionários para alunos e professores. A análise dos dados foi se concretizando e abrindo espaços para a discussão teórica, baseada nos aportes teóricos, como: Antunes (2003), Bakhtin (1995), Bronckart (2008), Koch e Elias (2014) e outros que fazem parte da linha do interacionismo sociodiscursivo.

Na primeira parte, foi realizada uma reflexão sobre a linguagem na perspectiva interacional e discursiva e as consequências dessa concepção de linguagem para a compreensão da leitura e da escrita no contexto de ensino. Na segunda parte, está a análise dos dados coletados. Trata-se de uma reflexão envolvendo a análise dos dados sob a ótica da teoria que fundamenta a pesquisa. Na terceira parte, são apresentadas sugestões para o redirecionamento da prática de ensino de leitura e escrita no nível fundamental. E por fim, são apresentadas as considerações finais.

II- A LINGUAGEM EM UMA PERSPECTIVA INTERACIONAL E SOCIODISCURSIVA

2.1 Língua e Linguagem

A linguagem é um fenômeno social, humano. Para que a troca de linguagem se torne possível se faz necessário que os sujeitos estejam envolvidos na interação. Como afirma Travaglia (2002, p. 23):

A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

A linguagem serve como meio para a interação entre os interlocutores, os quais constituem vínculos, que não seriam possíveis sem o uso da linguagem. Para Bakhtin (1995, p.124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Ou seja, a realidade fundamental da linguagem é constituída pela interação verbal.

O entendimento de que a linguagem é um processo ativo e criativo faz com que Bronckart (2008, p.71) desenvolva duas teses que fundamentam o interacionismo sociodiscursivo:

A primeira tese é a de que, dado que a atividade de linguagem é produtora de objetos de sentido, ela é também, necessariamente, constitutiva das unidades representativas do pensamento humano; a segunda é a de que, na medida em que a atividade de linguagem é atividade social, o pensamento ao qual ela dá lugar é também, necessariamente, semiótico e social.

Diferentemente dos outros animais, o homem é um ser pensante e social, mas ao mesmo tempo individualizado pela linguagem, que é seu instrumento de identidade linguística. Como afirma Bronckart (2006, p. 34-35):

De um lado, as produções verbais da criança preencheriam, primeiro, uma função “social” de comunicação e de interação com o meio; de outro, ao mesmo tempo em que as produções verbais se interiorizariam, elas assumiriam, a seguir, uma

função “individual” de planificação e de controle das próprias ações.

As unidades representativas do pensamento humano se fazem reconhecer através da linguagem do indivíduo, que como ser político e social, inserido no meio, torna-se envolvido no discurso, e deste faz parte ativa.

Ao ouvir o outro, ao fazer parte do discurso do outro, o ser humano instrumentaliza-se como ser comunicativo individualizado, mas também social. Identificado pelo seu texto e sociabilizado pelo discurso dos demais.

O meio define a identidade do indivíduo, mas é também no meio que o indivíduo abre mão da completa individualidade para tornar-se um ser social. A linguagem é base prioritária da formação desse indivíduo-social. Assim, a linguagem é dialógica, como o afirma Bakhtin (1995). Ou seja, não existe uma linguagem pura e original, pois qualquer texto sempre traz as vozes do que já foi lido ou dito antes.

2.2 Texto, Escrita, Leitura e Sentido

O aspecto dialógico da linguagem perpassa a concepção de texto adotada nessa pesquisa. Vê no texto o objeto de interação para o qual se constrói sentidos. Nesse processo, o texto é fruto de uma teia discursiva e promove outras teias interacionais nas quais são construídos sentidos, num diálogo permanente, autor-texto-leitor, como diz Elias e Koch (2010, p. 11), “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos”.

O texto é, portanto, um produto de forma individual, mas de conteúdo sócio-interativo, o que não o marginaliza, pois é essa construção interativa que o faz ser aceito, compreendido e discutido a ponto de construir novos sentidos e promover novas possibilidades de compreensão. Segundo Medeiros (2004, p. 239), “De um lado, o texto é um sistema concluído, um conjunto de idéias hierarquizadas e articuladas; de outro, é um objeto aberto, que dialoga, ligado ao contexto extraverbal.”

Desse modo, o texto configura-se numa ação individual pela qual o autor, situado em seu meio, oferece ao leitor a oportunidade de interpretação.

Ao trabalhar o texto em sala de aula se faz importante que professor e aluno interajam todo o tempo. É no diálogo com o texto que professor e aluno,

juntos, poderão encontrar e compartilhar os sentidos daquele texto. Segundo Bunzen (2013, p. 44):

Para que ocorra o compartilhamento de significado, faz-se necessário que os participantes do jogo interacional da situação de aprendizagem compartilhem os sistemas de linguagem, os gêneros e os suportes textuais envolvidos.

A escrita de um texto requer o conhecimento de vários elementos que são inerentes a sua constituição. Para escrever um texto é preciso antes de tudo o conhecimento do código linguístico. Esta é a base da escrita de um texto verbal. Escrever requer conhecimento do universo temático, do qual o texto fala. Ninguém escreve sem ter o que dizer. Antunes (2003, p. 45) afirma:

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo interagir com ele. *Ter o que dizer* é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”.

A estrutura textual, a sintaxe, a morfologia, a fonética, o estilo são elementos que constituem um texto e que devem ser observados e avaliados na produção de escrita.

Na escrita de um texto, seja na linguagem coloquial, seja na linguagem formal, estes elementos vão estar presentes, ora de forma adequada, ora de forma inadequada no texto do aluno. Assim, o professor deve trabalhar a análise linguística do texto, partindo do próprio texto escrito pelo aluno. Esse trabalho pode ser feito através da reescrita. A reescrita de texto é um meio eficiente de aperfeiçoar a escrita. Requer um esforço tanto do professor quanto do aluno. Ao professor cabe motivar os alunos e dar boas sugestões para a reescrita.

Algumas leituras mal interpretadas têm levado a afirmações errôneas como a seguinte: “não se deve corrigir o texto do aluno”. Isso é um tanto ameaçador para a prática pedagógica, pois pode se criar duas situações: a) o professor que sempre corrigiu deixar de corrigir por querer compartilhar com a

prática pedagógica “moderna”. b) alguns professores sentirem-se apoiados porque o que menos desejam é levar os trabalhos dos alunos para casa, para que sejam corrigidos. Sobre a questão Sírio Possenti (2012, p. 30) argumenta:

Deveria ser evidente que um dos papéis da escola é propiciar condições para que os alunos venham a escrever certo e bem (tudo o que se diz sobre “não corrigir mais” é erro ou falta de leitura). Tal objetivo só se alcança com muita prática (muita gente gostaria de chegar lá sem esforço, aplicando receitas do tipo “seja claro”, “escreva frases curtas”, “evite chavões”...).

É preciso ensinar a escrever. Não é apenas falando, indicando erros que o professor vai conseguir fazer seu aluno escrever bem. É sim, escrevendo e reescrevendo seu texto que o aluno aprenderá a fazer parte do mundo da escrita. E isso deve ter a motivação e a correção do professor. É corrigindo o texto do aluno que o professor o estará ajudando na reescrita e na elaboração de um texto mais adequado ao gênero proposto. Sírio Possenti (2012, p. 30) afirma:

[...] escrever “bem” é um conceito um pouco relativo. Sempre se escreve um gênero que está em um campo. Não é a mesma coisa escrever um texto científico e uma narrativa policial, um diálogo entre profissionais com curso superior e outro de personagens da madrugada ou da periferia.

Para que se possa produzir um bom texto, é necessário que se tenha uma ampla experiência de leitura, especialmente em leituras do gênero que se propõe escrever. A leitura é base essencial para produção de texto. É na vivência do aluno que o professor tem que buscar a motivação para o despertar da produção textual. Quando o aluno sentir-se desafiado a escrever sobre o que leu sobre o que viu e ouviu o aluno terá maior probabilidade de escrever um texto através do qual poderá demonstrar o que sabe escrever e o quanto precisa se aperfeiçoar na escrita.

Os textos dos alunos devem ser lidos pelo professor para quem primeiro eles escrevem e pelos colegas, de quem esperam o reconhecimento. Tais textos, quando lidos em sala de aula podem criar o debate e provocar a elaboração de outros sentidos para os textos. O debate criado na sala de aula, com a leitura dos textos dos alunos, pode ter vários objetivos, dentre os quais

citamos desenvolvimento da oralidade através da leitura do texto e do comentário sobre o mesmo; estudo do sentido deste texto em relação à vivência do aluno no seu meio – compreensão e interpretação do texto e a análise linguística.

O leitor passa a ser parte constitutiva do processo da compreensão da escrita por meio de seus conhecimentos, não necessariamente atingindo as intenções do autor. Beaugrande (1997 apud Koch 2014, p. 34) afirma:

Nessa concepção **interacional (dialógica) da língua**, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto.**”

Dessa forma, o que se pode concluir é que, para entender o sentido de um texto é preciso que o leitor busque todas as ferramentas possíveis e que leve em conta o que o escritor diz, mas sem ter a pretensão de que essa compreensão seja única e acabada.

ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A realidade do ensino da Língua Portuguesa está muito aquém da linha sociointeracionista, pois de um modo geral, ao observar as salas de aula de duas escolas públicas de Guarabira, Centro Educacional Osmar de Aquino e Centro Educacional Dom Hélder Câmara, percebeu-se que as aulas enfatizam ensino de gramática descontextualizada. Segundo Antunes (2003, p. 31), ainda pode-se constatar que a língua é ensinada através de:

[...] uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função; frases feitas para servir de lição, para virar exercício.

A leitura de texto é realizada na sala, mas acaba sendo pretexto para o ensino de gramática. O apego ao ensino de regras gramaticais faz o professor e alunos ficarem quase todo o tempo da aula realizando exercícios de estruturas dos conteúdos gramaticais principalmente a parte de morfologia e sintaxe. São feitas descrições dos aspectos morfológicos e sintáticos sem que

haja preocupação com o “para quê” daquele estudo, com o funcionamento dele no cotidiano dos falantes, ou seja, com o uso real da língua. Além de ser pretexto para o ensino de gramática, a leitura é trabalhada também com fins de avaliação. Tal situação confirma o que nos aponta Geraldi (2006, p. 93):

Observando textos colocados à disposição dos estudantes por grande parte dos livros didáticos de “comunicação e expressão”, pode-se constatar que tais textos não respondem a qualquer “para quê”. Consequentemente, o único “para que lê-lo” que o estudante descobre de imediato é responder às questões formuladas a título de interpretação: eis a simulação da leitura.

Nesse sentido, leituras realizadas em outras disciplinas do currículo (história, geografia, ciências, etc.) são menos artificiais do que as realizadas nas aulas de língua portuguesa: está um pouco mais claro para o aluno o “para quê” extrair as informações X ou Y do texto, ainda que a resposta tenha sido autoritária e artificialmente imposta pelo processo escolar (a avaliação, por exemplo).

Responder o “para quê” ler um texto, buscando nele informações, é uma questão prévia não só desse “tipo” de leitura mas de toda a atividade de ensino: ensinamos para quê? Os alunos aprendem para quê? As respostas envolvem uma perspectiva política, do professor e do aluno.

O distanciamento da leitura e produção textual tem causado aos alunos a crença de que estudar a Língua é estudar as regras gramaticais para imprimi-las em seus cérebros, e quando chegar o momento oportuno de uma “avaliação” responder corretamente o que foi dito pela gramática normativa.

O estudo predominante da gramática descontextualizada poderá permanecer ainda por muito tempo se não forem tomadas providências para mudar o panorama do ensino de linguagem nas escolas. A falta de leitura, de produção textual e da interação na sala de aula deixam as aulas monótonas e sem atrativos para os alunos. Estas aulas também, de certa forma, provocam desânimo nos professores, pois, pelas avaliações realizadas percebem o fracasso dos seus alunos e muitas vezes colocam toda a culpa na falta de atenção destes, sem perceber que existem falha também no modo de ensinar e no foco do ensino.

As respostas aos questionários apresentados, nem sempre coincidiram com os dados das observações em sala de aula, pois enquanto alguns alunos e professores responderam que havia um bom trabalho de produção textual e de leitura, nas salas o que foi observado é que apenas um professor trabalhava com a produção de gêneros textuais e gêneros textuais diversificados.

A análise das respostas dadas aos questionários aponta que o ensino de Língua Portuguesa não está fundamentado em uma perspectiva interacional da linguagem. Isso está posto de forma clara em algumas das perguntas, do questionário, aplicado aos professores. Perguntou, por exemplo, o seguinte: “Como o senhor (a) trabalha a leitura e a escrita em sua sala de aula?” Um dos professores respondeu: “Leitura individual a escrita através do livro-didático, usamos também o dicionário”.

Muitas vezes, o professor não tem consciência da teoria que subjaz ao seu trabalho, não reflete sobre ela. Antunes (2003, p.40) diz que:

[...] o desinteresse pela teoria pode significar também uma incompreensão do que seja “teoria” e “prática”, de como uma e outra se interdependem ou se alimentam mutuamente. Como pode significar ainda uma certa acomodação dos professores, que, passivamente, esperam que alguém venha dizer a eles o que fazer e como fazer, dispensando-os, assim, do trabalho constante de estudar, “de estar atentos”, de pesquisar, de avaliar, de criar, de inventar e reinventar sua prática, o que naturalmente supõe fundamentação teórica, ampla, consistente e relevante.

É preciso que os professores repensem a fundamentação teórica, pois para existir uma prática inovadora precisa-se partir das teorias, que nos mostram novas ideias sobre como ensinar língua portuguesa sem se limitar ao ensino de regras gramaticais “como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática” (ANTUNES, 2003, p. 40).

O fato de utilizar a gramática como foco principal vem trazendo muito prejuízo para o aprendizado do aluno, pois muitos professores não compreendem para que ela serve e que fins ela nos proporciona. É como Antunes (2003, p. 30) afirma:

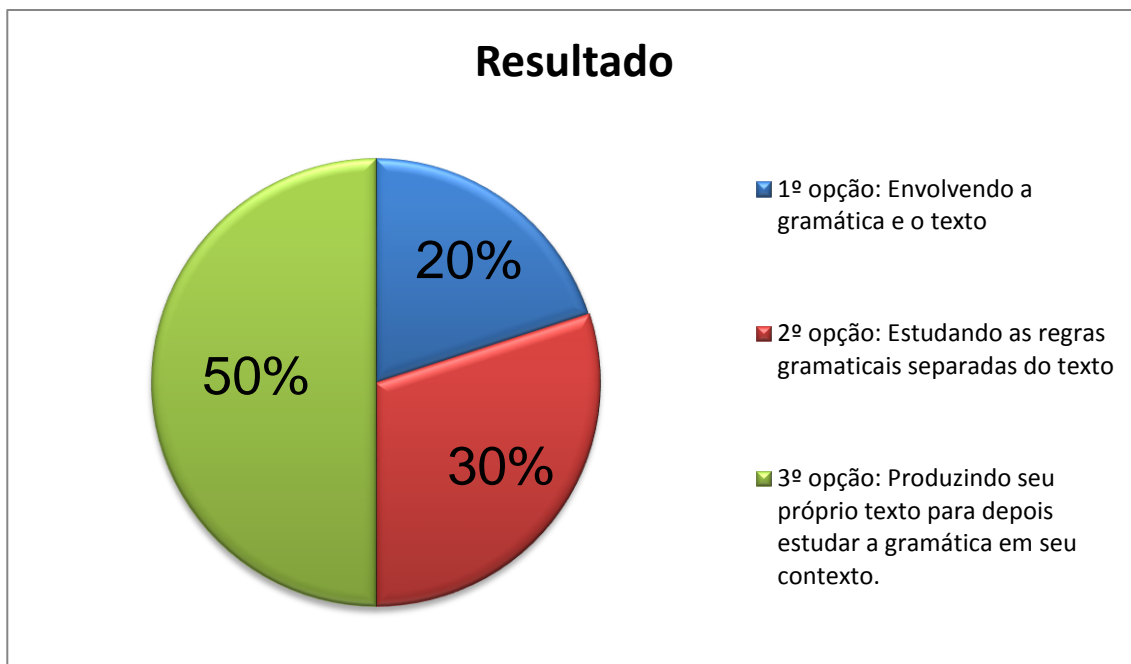
[...] a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como um imenso

entreve à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes. Há um equívoco tremendo em relação à dimensão da gramática de uma língua, em relação às suas funções e às suas limitações também [...]

Os professores estão equivocados em querer ensinar a gramática de uma forma descontextualizada, pois, é trabalhando com texto que o aluno vai desenvolver a competência para interpretar e compreender as regras gramaticais. “O texto não é uma opção entre outras. É a opção.” (ANTUNES, 2007, p. 102). As leituras de textos irão proporcionar aos alunos uma competência comunicativa, discursiva e crítica. Segundo Geraldi (2006, p. 24):

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais, visando a produção correta do enunciado comunicativo culto, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem *redações*, segundo determinados moldes; por isso não lêem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa *mensagem* definida.

No questionário elaborado para o aluno, perguntou-se: “Como você gostaria que fosse estudada a gramática em sua sala de aula?” Foram dadas para os alunos três opções dentre as quais eles deveriam escolher uma e depois comentar a escolha. O resultado foi o seguinte:



Esses resultados vieram seguidos de comentários:

Os 20% que marcaram a opção “Envolvendo a gramática e o texto” comentaram:

“Eu acho que envolve mais a nossa aprendizagem.”

“Porque eu acharia mais melhor de aprender.”

Os 30% que marcaram a opção “Estudando as regras gramaticais separadas do texto” comentaram:

“Porque estudando a gramática a gente precisa saber passo a passo.”

“Porquê nós aprendemos mais.”

“Porque pra mim é mas fácil para mim aprende.”

E os 50% que marcaram a opção “Produzindo seu próprio texto para depois estudar a gramática em seu contexto” comentaram:

“Porque eu gosto muito de ler e escrever eu quero fazer um texto e depois estudar a gramática.”

“Por que produzindo um texto podemos corrigir algo e aprender algo também.”

“Porque sempre a pessoa fica mais a vontade.”

“Porque ficaria mais interessante aprender desse jeito.”

Percebe-se que 50% dos alunos, no caso a maioria, gostariam que a gramática fosse trabalhada a partir dos textos produzidos, mas para isso os professores devem buscar novas metodologias de trabalho, que possa proporcionar para os professores um melhor desempenho.

III- SUGESTÕES PARA O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO NÍVEL FUNDAMENTAL

Com o intuito de buscar uma prática de ensino voltada para o aspecto interacional da linguagem, Geraldi (2006, p. 19) sugere que os professores busquem:

[...] integrar o trabalho com a linguagem em sala de aula, através da leitura ou da produção de textos que levem o aluno a assumir crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor-intérprete.

A base essencial para seguir essa nova prática é explorar a leitura e a produção textual de diversos gêneros, nas aulas de língua portuguesa. A leitura é base essencial para produção de texto. Antunes (2003, p. 67) afirma que:

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma *atividade de interação entre sujeitos* e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor.

O aluno precisa ser motivado a escrever. A escola deve criar condições para que o aluno possa desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Segundo Geraldi (2006, p.37):

Se a escola tiver um projeto de leitura, isso pressupõe que o aluno terá cada vez mais contato com a língua escrita, com a forma padrão que a escola quer que ele aprenda.

Mas para isso é preciso criar hábito de leitura nesses alunos para que eles possam evoluir nas produções de texto e entender que as palavras só têm sentido para a interação dos sujeitos na sociedade.

Os PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 55-56) pontuam algumas estratégias que podem ser utilizadas para trabalhar a leitura de textos na sala de aula:

- *formular hipóteses a respeito do conteúdo do texto, antes ou durante a leitura;
- *validar ou reformular as hipóteses levantadas a partir das novas informações obtidas durante o processo da leitura;
- *avançar ou retroceder durante a leitura em busca de informações esclarecedoras;
- *construir sínteses parciais de partes do texto para poder prosseguir na leitura;
- *inferir o sentido de palavras a partir do contexto;
- *consultar outras fontes em busca de informações complementares (dicionários, enciclopédias, outro leitor).

A prática da produção textual dentro da sala de aula tem o propósito de envolver os alunos com a escrita. O treino com a linguagem oral e escrita tem que ser bastante explorado desde o início do ensino fundamental I. É preciso fazer com que os alunos procurem ler mais sobre os temas expostos, fornecer referências, propor pesquisas sobre textos de outros autores para que a partir daí o alunado possa desenvolver o seu texto com uma visão mais ampla e uma visão crítica.

Para trabalhar a análise linguística podem-se adotar como ponto de partida os textos produzidos pelos próprios alunos. Os PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 80) sugerem alguns encaminhamentos possíveis para trabalhar com as produções dos alunos:

- Seleção de um dos textos produzidos pelos alunos, que seja representativo das dificuldades coletivas e apresente possibilidades para a discussão dos aspectos priorizados e encaminhamento de soluções.

- Apresentação do texto para leitura, transcrevendo-o na lousa [...].
- Análise e discussão de problemas selecionados. [...]. Para que o aluno possa aprender com a experiência, é importante selecionar alguns, propondo questões que orientem o trabalho. [...]
- Registros das respostas apresentadas pelos alunos às questões propostas e discussão das diferentes possibilidades em função de critérios de legitimidade e de eficácia comunicativa. [...]
- Reelaboração do texto, incorporando as alterações propostas.

Partir das produções dos alunos vai proporcionar ao professor “trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua.” (PCN, 1998, p.80). Os alunos aprendem melhor e de uma forma interativa, pois os textos produzidos pelo aluno serão compartilhados com os demais e é dentro desta atividade de interação que a análise linguística deve ser trabalhada e sentidos para os textos devem ser produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras realizadas trouxeram uma compreensão maior da importância do ensino da leitura e escrita em sala de aula, da necessidade de oferecer novas metodologias e novos princípios teóricos básicos para o ensino da Língua.

Diante do quadro das escolas investigadas, Centro Educacional Osmar de Aquino e Centro Educacional Dom Hélder Câmara, urge criar propostas de trabalho que possam orientar professores, para uma mudança no ensino da língua, pois o que foi observado é que, ainda existem professores muito distantes das teorias que embasam o ensino da língua materna, professores estes, que ainda não despertaram para a importância da democratização da língua e da função que esta exerce para a transformação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. FIORIN, José Luiz (org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Eduspe, 1994.

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse. cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

_____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Múltiplas linguagem para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editoria, 2013.

ELIAS, Vanda Maria. KOCH, Villaça Ingedore. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. – 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2014.

GERALDI, João Wanderley. *Prática da leitura de textos na escola*. In: *Leitura: Teoria e prática*. Campinas: Julho, 1984, p.30.

_____. *O texto na sala de aula*. – 4^o ed. – São Paulo: Ática, 2006.

MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília, 1998.

MEDEIROS, João Bosco. TOMASI, Carolina. *Português Forense: a produção de sentido*. São Paulo: Atlas, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Escrever certo, escrever bem*. Língua Portuguesa. São Paulo, v. 8, n. 82, 30-32, ago. 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática 1^o e 2^o Graus*. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXO

Questionário

Professor

- 1- Séries em que leciona? _____
- 2- Quanto tempo trabalha com a disciplina de português:

- 3- Como o senhor (a) trabalha a leitura e a escrita em sua sala de aula?

- 4- Que gêneros textuais são mais trabalhados em seu cotidiano com os alunos?

- 5- Como os alunos se comportam diante das aulas de leitura e produção textual? Eles participam ativamente ou quase não escrevem?

- 6- O que predomina em sua metodologia para o ensino de Português.

() Estudo das regras gramaticais.
() Gramática contextualizada.
() Mais leitura e produção textual.

Ao citar sua linha predominante, comente o porquê de sua escolha:

- 7- Quais teóricos e teorias fundamentam seu trabalho com a língua em sua sala de aula?

Escola: _____

Aluno (a): _____

Série: _____

Questionário

1- Como o professor de Português trabalha a leitura e escrita em sua sala de aula?

2- Que tipo de texto você prefere produzir? E por quê?

3- Seu professor (a) de português trabalha mais a Gramática ou a Produção Textual? E o que você mais gosta?

4- Como você gostaria que fosse estudada a gramática em sua sala de aula?

- () Envolvendo a gramática e o texto.
() Estudando as regras gramaticais separadas do texto.
() Produzindo seu próprio texto para depois estudar a gramática em seu contexto.

Após marcar sua alternativa comente por quê?

5- Que livros você mais gosta de ler?
